



P&R

Pedro Carreira destaca a cultura de inconformismo da Continental Mabor.

❶ Esta é oitava distinção seguida atribuída pela **EXAME**. É mais gratificante ganhar prémios em Portugal ou no campeonato interno da Continental?

❷ Ambos os reconhecimentos são prestigiantes e nos enchem de orgulho. Em Portugal, acentua a notoriedade da empresa, sublinha a sua virtuosa contribuição para a economia, o volume de emprego e as exportações do país. No plano interno, os óscares de qualidade ou de melhor fábrica enaltecem a imagem de Portugal e provam que Lousado consegue fazer melhor do que as congéneres.

❸ Em 2015, a Continental festeja 25 anos em Lousado. Qual o momento determinante neste ciclo?

❹ Em meados dos anos 90, a casa mãe pretendia que Lousado se focasse em pneus simples, com jantes de 14 ou 16 polegadas. A direção recusou o plano, demonstrou que estava preparada para evoluir para gamas mais complexas e sinalizou uma cultura de inconformismo e um espírito de inquietação que moldaram o nosso código genético. Inovámos com o modelo antifuro especial (ContiSeal), evoluímos para o pneu de jante de 21 polegadas.



FOTO FERNANDO VELUDO/INFACTOS

Competição Pedro Carreira, presidente, lidera uma bem sucedida filial da multinacional

Os “mourinhos” de Lousado

A empresa permanece com uma produtividade imbatível e com novos investimentos na agenda / Texto **Abílio Ferreira**

No dia em que que a **EXAME** regressou à sede da Continental Mabor, uma seleção de 10 técnicos das fábricas dos Estados Unidos, México e Brasil da multinacional alemã iniciavam um estágio de duas semanas na base de Lousado, em Famalicão. A equipa que dirige a filial romena, em Timisora, foi treinada pelos “mourinhos” de Lousado. Este intercâmbio, a par dos nove especialistas colocados noutras unidades de pneus ou dos 70 engenheiros contratados em Lousado para centros alemães, é um dos sinais exteriores de vitalidade, capacidade técnica e reconhecimento da filial portuguesa.

A outra face do mérito vê-se numa vitrina, à entrada da oficina, expondo diplomas e troféus que foi acumulando ao longo dos anos. A Continental Mabor já foi classificada como melhor fábrica entre 16 da divisão de pneus do grupo e voltou, em 2013, a receber o Óscar da qualidade, com base em indicadores como desperdício ou defeitos.

O segredo reside “na cultura de insatisfação permanente, na eficiência fabril e na capacidade de desafiar a casa mãe para novos desafios, conseguindo sempre vencê-los”, resume o presidente, Pedro Carreira, 50 anos. A produtividade, medida

OXAME DAS MELHORES

Pos.	500	Empresa	2013
1	23	Continental Mabor	23
2	328	Flex 2000	344
3	315	Arlíquido	319
4	493	Logoplaste	0
5	318	Fábrica Torrejana	294

AS CINCO MAIORES (em milhares de euros)

Pos.	500	Empresa	2013
1	23	Continental Mabor	794 328
2	29	Repsol Polímeros	637 885
3	74	CUF - Quím. industriais	305 641
4	98	ADP Fertilizantes	232 787
5	147	Cires	164 740

AS PREMIADAS

2014	Continent. Mabor	2008	Continent. Mabor
2013	Continent. Mabor	2007	Continent. Mabor
2012	Continent. Mabor	2006	Gasin
2011	Continent. Mabor	2005	Arlíquido
2010	Continent. Mabor	2004	Arlíquido
2009	Continent. Mabor	2003	Arlíquido



A indústria química subiu ao segundo lugar das exportadoras nacionais, atingindo 13,6%

em pneus/homem/hora, é uma referência no universo Continental, mas Pedro Carreira insiste que a produtividade, tal como a saúde, “nunca é de mais”. Ser imbatível na produtividade “é um fator de sobrevivência” e um argumento vital “para continuar a atrair investimento da casa mãe”.

Em 2013, a faturação caiu ligeiramente, por efeito do preço das matérias-primas, mas a produção de pneus ganhou mais 200 mil, ficando em 16,4 milhões. A margem operacional melhorou e os lucros subiram 5%, atingindo 195 milhões de euros. O fornecimento de Lousado para as linhas de montagem da indústria automóvel subiu de 37% para 39% e a lista de mercados de exportação engrossou com mais 23 destinos, em geral exóticos, que forçam a empresa a trocar os camiões pelos contentores portuários. Com perto de 800 milhões de euros, é o quarto maior exportador português e arrasta o concelho de Famalicão para o pódio nacional

No final de agosto, o administrador financeiro (CFO) da Continental, Wolfgang Schaefer, esteve pela primeira vez em Lousado. Agradeceu o “contributo positivo”, incentivou a comunidade laboral a apaixonar-se pelo que faz e reafirmou o “firme empenho” da multinacional na operação portuguesa. A gestão aproveitou para lhe explicar os projetos em carteira, sensibilizando-o para as virtudes e vantagens de um novo programa, que pode envolver mais 50 milhões. O projeto detalhado será em breve enviado para Hanôver. Assim “fica mais fácil obter apoio e financiamento para a ativação do programa”, diz Carreira.

Em Lousado há sempre projetos e investimento a rolar. Desde que entrou em Portugal, em 1990, a Continental investiu 525 milhões, acelerando na última década – 52 milhões em 2013, pela adição de um novo armazém às expansões fabris decorrentes do aumento de capacidade ou da evolução na cadeia de valor, com a produção do modelo antifuro (ContiSeal) e de pneus UHP (ultra-alta performance).

IRC e custos de contexto

Méritos internos, vícios na envolvente operacional. De que se queixa Pedro Carreira? Da fatura energética, das acessibilidades, dos custos de contexto e, em especial, do peso dos impostos. Na comparação destes

A indústria cresce nos lucros

1 As principais empresas registaram em 2013 um notável crescimento dos lucros. A Logoplaste destacou-se com um crescimento de 680%, para 1,8 milhões de euros. ADP Fertilizantes e Cin registaram igualmente subidas robustas. As cinco mais lucrativas acumularam 230 milhões de euros de resultados.

2 A indústria química subiu ao segundo lugar das exportadoras (13,6%). No 1.º semestre de 2014, exportou 3,14 mil milhões (+5,2%). A fileira dos plásticos (40%) é a que mais contribui para este desempenho, seguida pela borracha (17%), beneficiando da Continental.

3 Os polos de Estarreja e Sines são dois casos virtuosos de industrialização e inovação. Em Estarreja, a feliz parceria das multinacionais CUF, Dow Chemical e Air Liquide concede ao polo uma competitividade internacional, tornando a CUF no líder europeu de anilina e mononitrobenzeno.

525

milhões de euros já foram investidos pela multinacional em Portugal desde 1990.

52

milhões de euros foram investidos só durante 2013, com a adição de um novo armazém.

fatores com outras bases que concorrem diretamente com Lousado, como a romena, checa ou eslovaca, o gestor sente-se a subir um tapete rolante em sentido contrário, tais as forças adversas que enfrenta. O IRC é que mais o incomoda, por afetar a rentabilidade. Com a redução da taxa para 25%, a empresa contava com um alívio de quatro milhões de euros, mas, entre deramas municipal e estadual, a poupança final foram 700 mil euros. “Somos a fábrica do grupo que mais paga de IRC, e na avaliação de um projeto esse custo é um dos fatores preponderantes”, lamenta Carreira. Tamisoara, com custos salariais baixos, paga uma taxa de 16%.

O concelho de Famalicão está rodeado de autoestradas e é servido por bons portos. Mas para chegar lá é um inferno, devido às acessibilidades e a uma base logística a quatro quilómetros da fábrica. Já foi pior, mas isso agrava os custos operacionais. Carreira dá o exemplo de Otrokovice, na República Checa. Uma linha férrea empecilhava o acesso à fábrica. E logo as autoridades construíram um viaduto com quatro faixas para desimpedir a circulação.

A química portuguesa, marcada por poderosas multinacionais e grupos históricos como a CUF, manteve em 2013 a virtuosa pujança (+6%) que se exige a quem é vice-campeão na exportação. Numa produção de 11 mil milhões, a indústria faz no exterior perto de seis mil milhões. ●